

30 - Um olhar para o futuro da medicina



Dr. Paulo Alcântara

Médico Urologista do Centro Médico Monte Sinai de Ourinhos
Membro Titular da Sociedade Brasileira de Urologia
Membro da Sociedade Americana de Urologia

Encerrando esta série de artigos, relacionados a diversas áreas da medicina, foi possível notar que, em praticamente todos eles, foi salientado e demonstrado uma evolução no diagnóstico, no tratamento e na tecnologia empregada.

Em 1980, acreditava-se que trinta por cento de tudo que o estudante de medicina, que se formou naquele ano, aprendeu, estaria obsoleto, sem uso ou desacreditado em aproximadamente cinco anos.

O aluno de medicina, que se formou no ano 2000, não usa, ou faz de maneira ou técnica

diferente, mais de cinquenta por cento do que aprendeu nos bancos escolares.

Isto ocorreu em todas as especialidades médicas.

Podemos constatar que isso não só ocorreu na medicina. Certamente um automóvel atual, possui recursos tecnológicos muito mais avançados que há dez anos.

A isto chamamos de progresso, mais corretamente evolução.

Escrito até parece óbvio ou ingênuo, mas não é!

Considerem o início dos tempos no ano I de Cristo.

Quando realmente a humanidade teve um impulso marcante? Na renascença, por volta do ano 1400 a 1500. Durante 1500 anos, pouca coisa mudou.

Comparem agora, não precisamos ir muito longe, lembrem-se do ano 2000, (que muitos acreditaram que tudo acabaria, que seria o fim dos tempos etc.), nada disso aconteceu felizmente e os Nostradamus de plantão, ficaram

desacreditados.

Mas, olhem novamente para o ano 2000 e vejam, de lá para cá, a imensa evolução que nos cerca em nosso dia a dia. Na tecnologia, na televisão, nos veículos, na produção de medicamentos, no nosso cotidiano em geral.

Como explicar isso?

Simples! O progresso caminha em progressão geométrica, quanto mais rápida a evolução tecnológica mais rápida ela vai ficando.

Um computador, hoje, certamente será obsoleto em 02 anos e certamente será obsoleto em apenas 01 ano e por aí vai.

Algumas empresas tem tecnologias suficientes para fazerem lançamentos a cada 06 meses, a maioria não o faz por motivos comerciais, a Apple Inc , faz isso com frequência.

Toda evolução tecnológica poderá ser incorporada na medicina de alguma maneira.

A ONU, recentemente, listou as 100 doenças mais graves e

mais presentes no mundo. Imaginem a quantidade de empresas, cientistas, pesquisadores, governos e dinheiro envolvido nestas doenças.

No mundo atual, existem os países que exportam tecnologia e aqueles que compram e pagam pela tecnologia. Claro que os países ricos, ditos de primeiro mundo, são os detentores de mais tecnologia, maior número de registros de patentes etc.

Voltando ao ano 2000, naquele ano, somente a coreia do sul registrou nos EUA mais de 3000 patentes diferentes, países emergentes como o Brasil, menos de 100.

Como um país pode se tornar um fornecedor de tecnologia e não comprador?

Como um país pode sair do clube dos exportadores somente de matéria prima bruta, para exportador de tecnologia e produtos acabados?

Somente com educação e investimento em pesquisa sólida, honesta, consistente, confiável e inovadora.

Praticamente não temos isso

no Brasil.

Querem aumentar o número de universidades, de faculdades de medicina, odontologia e direito, e não se preocupam em oferecer ensino de qualidade, conseqüentemente, a qualidade dos profissionais cai vertiginosamente.

Tomemos a urologia (especialidade mais comum em todos os artigos passados) como exemplo.

Não temos cateteres ureterais, renais ou percutâneos nacionais. Todos são importados. Nenhuma empresa fabrica no Brasil, suprimentos para endourologia, para litotripssia, para diálise, para cirurgias vídeo laparoscópicas, etc.

Nenhum medicamento importante para o tratamento do câncer, nesta especialidade é produzido no Brasil. E os softwares? Praticamente todas as máquinas de exame por diagnóstico por imagem tem software importado, pelos quais pagamos o custo desta tecnologia.

Este encarecimento global da medicina moderna é o maior

desafio atual.

